

## CIÊNCIA E FÉ

Frei Jairo Ferrandin

A relação que envolve ciência e fé tem sido, desde o aparecimento da ciência moderna, tema problemático, conflituoso, alternando momentos de mútua exclusão e tentativas de estabelecer reconciliação entre duas posições.

A problemática, entretanto, é, na maioria das vezes, proveniente de compreensões mal analisadas, de ideologias, preconceitos, dogmatismos, enfim, do esquecimento do que é essencial, tanto em matéria de fé quanto de ciência. No cotidiano da vida, de alguma forma, entendemos o que são ciência e fé. Trata-se de uma compreensão pressuposta, previamente dada, resultante do uso e contato concreto e imediato que temos de ambas.

Esta compreensão corrente identifica, por exemplo, a ciência somente com os seus resultados, seus feitos e os benefícios que eventualmente proporcione à comunidade humana. Do mesmo modo, pode-se identificar a fé unicamente com um conjunto de doutrinas, preceitos, exigências morais e práticas religiosas; com um Deus já conhecido há muito tempo, mas que não mais toca a nossa vida e não aponta para experiência alguma.

Em nossa época, vigora ainda o predomínio de um determinado modelo de ciência: ciências naturais de caráter físico-matemático, sustentado pela ideologia positivista, segundo a qual o que vale é o fato bruto, concreto, aquilo que pode ser medido e calculado, provado e comprovado. Existe também a tendência de explicar tudo mediante este modelo de ciência – cientificismo. Daí originou-se a convicção de que o verdadeiro conhecimento só é alcançado por meio deste modelo de ciência, e qualquer outro é considerado de menor cientificidade – dentre eles, o saber da fé.

Na verdade, nem a ciência, nem a fé são somente isto. Cada qual é um comportamento humano possível e cada comportamento é um tipo de conhecer. Antes de qualquer explicação científica de uma coisa, o homem já se encontra em contato imediato com ela. Antes de qualquer

ação, o homem já se encontra lançado, inserido na vida. A ciência é bem posterior, tanto que a humanidade viveu muito tempo e ainda poderá viver sem ela. Do mesmo modo, a fé é um modo próprio e possível de ser. Ter fé significa ser tocado por aquilo que é a origem da fé. Este toque é anterior e é dado sempre para o homem. Viver na fé é acolher esta doação, é fazer esta experiência de um modo totalmente independente.

Assim, para fazer ciência, não se precisa de fé. Para a fé, é dispensável todo e qualquer saber que não venha dela mesma. Ambas são modos distintos de ser, de conhecer e viver. Excluem-se mutuamente por terem como origem algo fundamentalmente próprio, distinto; aproximam-se por serem modos possíveis de realização da existência humana, do sentido, da história e do ser do homem.

Ciência é um estágio da realização do homem que, quando levado à plenitude, pode ser tocado pela dimensão da fé.

Só a fé ou só a ciência não podem tocar as questões vitais do homem no seu todo. Cada qual, no âmbito de sua atuação, tem uma tarefa própria e não pode ser reduzida uma à outra. Qualquer tentativa de redução é extrapolação, falta de identidade do que é próprio.

Fé e ciência, portanto, não constituem um problema a ser sanado mediante uma solução definitiva, ajustada, imposta de fora. Trata-se de uma questão, de uma busca por atingir o âmago da nossa existência. O encontro entre fé e ciência deve dar-se na dinâmica do diálogo, do encontro com o outro, com o diferente. O outro provoca a recondução ao que é idêntico, ao que é próprio. Provoca a revisão dos pressupostos, das fixações, das dogmatizações. Faz reconhecer os limites e as grandezas.

A relação entre ciência e fé poderá ser fecunda, quando cultivada num modo que salvguarde o próprio da diversidade de cada uma, na tensão da diferença entre as duas identidades.

**“Ciência e fé são modos distintos de ser, de conhecer e viver.”**

### Para continuar e aprofundar:

Nas bibliotecas podemos encontrar dois textos básicos sobre o tema: Johannes Hessen, *Teoria do Conhecimento*, Ed. Martins Fontes, 2002, conclusão; Urbano Zilles, *Teoria do Conhecimento*, Editora PUCRS, 1994, cap. X.